

## A TRAVESSIA ESTÁ EM TRAVESSIA

**A** pós um ano de gestação, em maio de 1988, sob a responsabilidade do Conselho Editorial – composto por pesquisadores de diferentes áreas comprometidos com a causa dos migrantes – o CEM lançou uma nova publicação. Nova e inovadora: porque aberta à pluralidade de enfoques, porque voltada à socialização da produção acadêmica, porque gerida democraticamente e, ao mesmo tempo, engajada nos movimentos sociais.

Vinte e um anos se passaram, período relativamente breve, mas denso de mudanças, mudanças em todos os níveis e esferas da organização social; mudanças na vida acadêmica e mudanças no palco da história dos que compõem a razão de ser desta publicação – os migrantes.

A Travessia nasceu sob o rescaldo da mais intensa mobilização geral e rápida transferência de população do campo para a cidade. Carências de toda ordem eclodiram em movimentos sociais de Norte a Sul. Os estudos, não se limitando ao viés estatístico, ensaiavam novos olhares, privilegiando os processos sociais em que os migrantes viam-se envolvidos. A cultura, os espaços de chegada, as trajetórias e a memória foram ganhando lugar. Às migrações internas e às de ontem, logo se somaram, num processo de uma globalização crítica, as internacionais, e o Brasil transformou-se também num país de emigração e de imigração, obedecendo à cadência da nova divisão internacional do trabalho ditada pela reestruturação produtiva. Estas, entre outras, são algumas das mudanças que a revista Travessia refletiu ao longo das duas décadas de sua existência.

Mas há outras mudanças, ligadas ao próprio perfil da Travessia e à sua especificidade enquanto ponte entre o estudo e a ação pastoral-social – ressalte-se, em nada desvinculadas ao contexto mais amplo, social, acadêmico e técnico-editorial-gráfico –, que exigem adaptação permanente de um veículo que trata da mobilidade. Informamos pois, a você assinante, leitor e colaborador da Revista do Migrante, que o Conselho Editorial iniciou um processo de avaliação. A Travessia está em travessia. Adiantamos apenas, por ora, que ela deixará de ser monotemática, e com isso, você que tem uma preocupação para além do âmbito estritamente acadêmico, encontrará maior facilidade em socializar os resultados de suas reflexões, em divulgar relatos de experiências, contos que retratem a realidade dos migrantes.

Enquanto isso, no velho estilo, apresentamos o n. 63 dedicado à migração dos bolivianos, sem sombra de dúvidas assunto da pauta do dia em cidades como São Paulo ou Corumbá, que constituem, aliás, o pano de fundo da maior parte dos textos. Se até há pouco tempo nas escolas e universidades o mote dos estudos voltados para os migrantes recaía sobre os nordestinos, hoje ele recai sobre os bolivianos e outros hispano-americanos. Para além do que já foi estudado e divulgado, os autores trazem novidades, vale conferir.

*Dirceu Cutti*